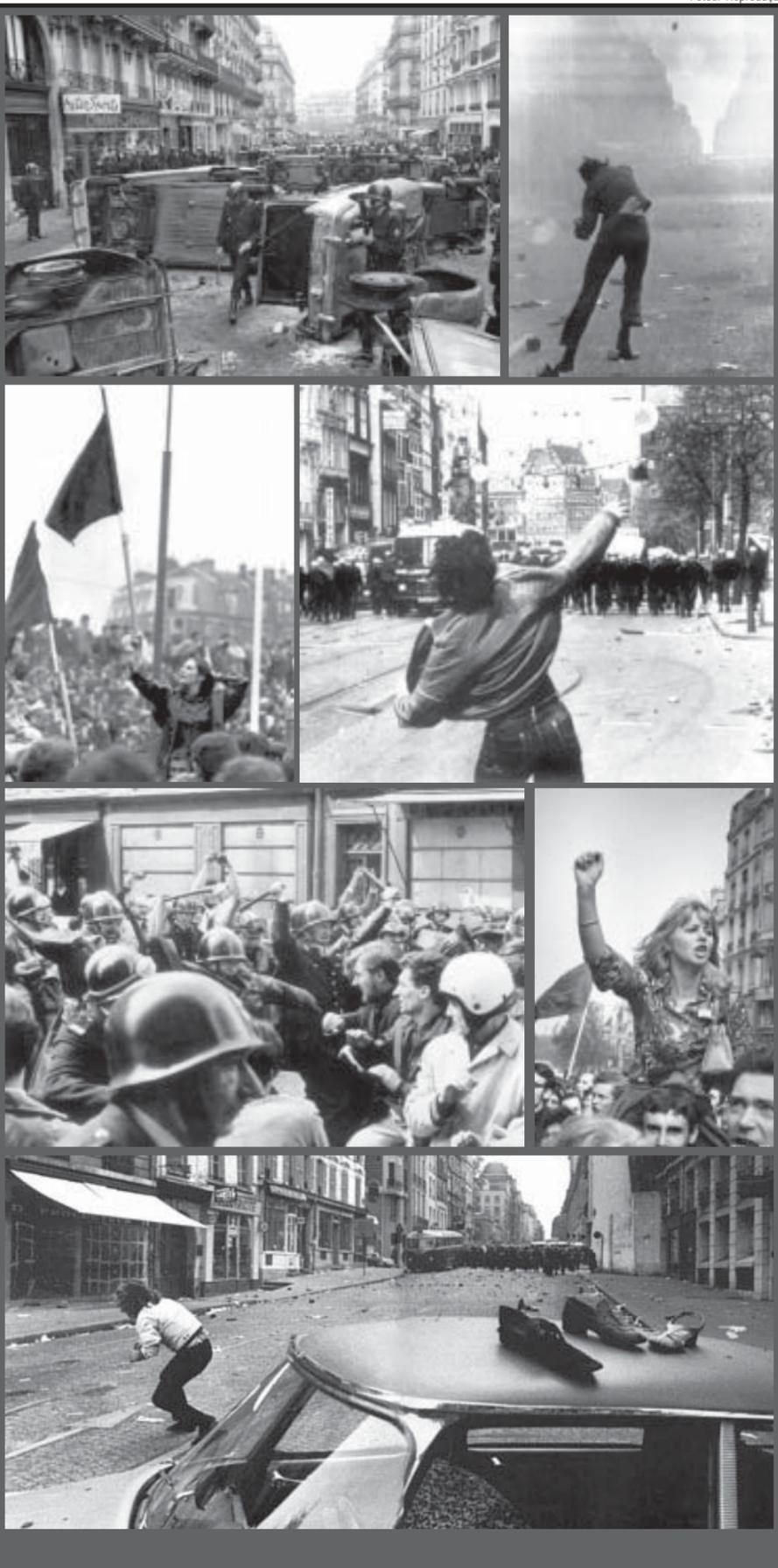


Acima e abaixo, cenas das manifestações em Paris em maio de 1968: para Renato Ortiz, “a política invade o espaço simbólico da cultura para materializar-se no cotidiano”

O espaço do indeterminado

Fotos: Reprodução



ÁLVARO KASSAB

kassab@reitoria.unicamp.br

“O que 1968 nos ensina é que a ordem social, qualquer que seja ela, nunca é imutável. Nas suas frestas insinuam-se as inconsistências – dizia-se antes, as contradições. Neste sentido, 68 pode ser visto como uma metáfora. Ela é uma janela para o futuro, um espaço no qual se aninharia o indeterminado”. A opinião é do sociólogo Renato Ortiz, que participa no dia 18 da mesa-redonda “1968: 40 anos depois”. Nesta entrevista, o professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp analisa a dimensão simbólica e histórica dos acontecimentos do período e seus reflexos no mundo contemporâneo.

Jornal da Unicamp – Quais são, na sua opinião, as dimensões simbólica e histórica dos episódios de 1968. Eles sintetizam, de alguma forma, o século XX?

Renato Ortiz – Creio que é necessário dizer, antes de mais nada, de que 68 estamos falando. A data é emblemática quando se refere ao Maio francês, mas sua extensão a outros contextos deve ser feita com uma certa prudência. O Brasil de 68 não é a França de 68. O espírito libertário que soprava partilhava alguns elementos comuns, mas ele era também distinto. Na França a revolta foi uma surpresa, uma espécie de “falha” geológica da sociedade capitalista, como se subitamente o seu solo desmoronasse. O 68 francês não foi programado, tampouco era um movimento programático. Ele tinha como alvo crítico qualquer tipo de programa ou ideologia, da Igreja ao Partido Comunista, da família ao liberalismo.

No Brasil, lutava-se contra a ditadura e o ideal socialista era uma utopia palpável, encarnada em partidos políticos que, em princípio, o implantariam. Na França lutava-se contra a noção de partido; no Brasil almejava-se a criação de novos partidos, desde que, claro, fossem revolucionários. Talvez fosse possível dizer que os movimentos, brasileiro e latino-americano, sintetizavam, de alguma forma, as aspirações políticas que floresceram ao longo do século XX. Maio de 68 marca provavelmente o início de uma outra época.

JU – Quais das utopias do período ainda sobrevivem?

Renato Ortiz – Vou desdobrar a pergunta em duas dimensões: 1) quais as utopias que sobrevivem e 2) é possível uma utopia no mundo contemporâneo? A resposta varia em função do que estamos considerando. Os movimentos latino-americanos, cujos ideais eram o socialismo ou o comunismo, fazem parte de todo um processo que se inicia com a modernidade do século XIX. Ao longo do século XX ele se consolida e se expande – revolução russa, cubana, advento dos sociais-democratas na Europa etc. Este ideário da esquerda entrou em crise, embora não tenha desaparecido. Crise significa: não possui a mesma legitimidade que antes desfrutava. Não se deve esquecer que o século XX foi calcado num conjunto de experiências que muitas vezes se realizaram de maneira perversa – penso no stalinismo. Dizer, porém, que este ideário, mesmo em crise, permanece significa considerá-lo no interior de um outro contexto. Daí a indagação: “qual seria uma proposta socialista

Foto: Antoninho Perri



O professor Renato Ortiz, do IFCH: “1968 pode ser visto como uma metáfora”

para o século XXI?”. Somos incapazes de dar uma resposta convincente para tal questão.

Neste sentido, uma nova utopia necessitaria de uma outra formulação, conseguindo projetar “à frente” a esperança coletiva. Porém, se fizermos a pergunta da segunda maneira, eu diria que Maio de 68, por ser uma “brecha” na ordem da sociedade, uma “falha” no *status quo*, nos ensina que o futuro, apesar de todas as tendências objetivas que o definem, encerra um elemento aleatório. Neste nicho encerra-se o espírito utópico.

JU – Quais são, na sua opinião, as mudanças comportamentais tributárias de 68?

Renato Ortiz – É difícil responder a este tipo de pergunta sem cairmos num certo reducionismo. Não se pode atribuir as mudanças comportamentais apenas a um movimento político específico. Elas decorrem de um conjunto de transformações, sociais, culturais, econômicas e até mesmo demográficas – por exemplo, o tamanho da unidade familiar. Eu diria, entretanto, que o 68 francês avança um elemento novo, que posteriormente ficará mais explícito com o caminhar dos anos. Eu me refiro à idéia de que a política encontra-se, também, fora das instituições consagradas – partido, governo, sindicato – e se estende para as práticas comportamentais. Ela invade o espaço simbólico da cultura para materializar-se no cotidiano.

Continua na página 22 ▶▶▶